

**CONTROVÉRSIAS SOBRE OS PRIMEIROS TEMPOS DA CAPITANIA  
DE SÃO TOMÉ OU DA PARAÍBA DO SUL**

*Paulo Paranhos*

**Resumo:** *Várias são as interpretações sobre os primeiros tempos da Capitania de São Tomé ou da Paraíba do Sul, propriedade de Pero de Góis que a recebeu do rei D. João III por serviços prestados à Monarquia Portuguesa. O artigo pretende, a partir do estudo comparativo de diversos historiadores, mostrar alguns entendimentos sobre o tema.*

**Abstract:** *There are several interpretations about first settlements of São Tome or Paraíba do Sul Captaincy, property of Pero de Gois, who received it from the king D. Joao III for services to the Portuguese Crown. The article intends to show understanding about the teme, starting at a comparative study of several historians.*

Em 1532 o rei D. João III já havia se decidido pela intensificação do processo de colonização do Brasil, fundamentando-se nas dificuldades financeiras do Estado português, aliadas às constantes investidas de piratas no contrabando do pau-brasil nas costas da nova colônia. Assim é que em 1534, efetivamente, a idéia de se criar o sistema de capitanias no Brasil viria na esteira das experiências anteriores levadas a efeito nas ilhas do Atlântico (Açores e Madeira), além do que inseria o Brasil no movimento de expansão do capitalismo comercial, com os donatários portando-se como agentes políticos e administrativos da Coroa portuguesa, para garantir a extração do pau-brasil, ouro e outras riquezas e implantar uma agricultura de exportação que atendesse aos interesses da burguesia portuguesa.

A experiência, efetivamente, não era nova, haja vista que naquelas ilhas fora executado o mesmo sistema, porém em escala menor, com a presença de uma nobreza de serviço estreitamente associada à ação da monarquia. Era o que se pretendia, em princípio, para o Brasil.

Assim, quando em 1534 o rei português dividiu o Brasil em Capitanias Hereditárias, a Capitania de São Tomé, também conhecida como da

Paraíba do Sul, foi doada a Pero de Góis. A esse fidalgo português coube a referida capitania medindo 30 léguas de litoral, entre a capitania do Rio de Janeiro e a do Espírito Santo, tendo sido os seus títulos forais passados em 29 de fevereiro e em 1º de março de 1536.

Fernando José Martins, em *História do descobrimento e povoação da cidade de S. João da Barra e dos Campos dos Goytacazes*, de 1868, e Augusto de Carvalho, em sua obra *Apontamentos para a história da Capitania de S. Thomé*, de 1888, reproduzem todo o foral de Pero de Góis. Este último autor reproduz, ainda, a carta de doação do rei D. João III em favor daquele donatário, da qual extraímos o seguinte trecho:

*e esta doação e mercê e todo nela conteúdo se entenderá cumprida inteiramente, desde dez dias de março do ano de 1534 em diante, porque do dito dia lhe fiz esta mercê, da qual tinha Alvará de lembrança por mim assinado, que foi roto ao assinar desta, em 28 de janeiro de 1536. (CARVALHO 1888, 50)*

Sobre as primeiras ocupações na Capitania, mais especificamente, na região norte fluminense, vários são os entendimentos dos historiadores que se debruçaram sobre o tema com mais acuidade. Começemos com Gabriel Soares de Sousa, que em seu *Tratado descritivo do Brasil*, obra de 1587, diz que Pero de Góis, o donatário da Capitania, **“desembarcou no rio Paraíba, onde se fortificou, e fez uma povoação em que esteve pacificamente os primeiros dois anos, com os gentios Guaitacazes seus vizinhos...”** (SOUSA 1938, 81), num entendimento totalmente discordante da maioria dos historiadores que lhe sucederam, ainda que tenha quase que sido contemporâneo de Pero de Góis, haja vista que era senhor de engenho na Bahia por aqueles tempos.

Entendemos que esse engano deveu-se a ter o cronista em questão limitando-se a transcrever sobre o que ouviu dizer, sem maiores compromissos com a verdade histórica e sem ter ido ao local de fundação da vila que se originou do primeiro povoamento do norte fluminense, a Vila da Rainha, uma vez que todos os demais, sem exceção, falam sobre um rio chamado Itabapoana (divisa com a Capitania do Espírito Santo, de Vasco Fernandes Coutinho) e não sobre o rio Paraíba.

Já Varnhagen, em sua *História geral do Brasil*, obra do ano de 1857, obrigatória para quem queira pesquisar sobre a História do Brasil, dos tempos da colonização até a independência em 1822, nos seus mínimos detalhes, avalia que Pero de Góis

*foi tomar posse das suas terras, e assentar nelas alguns ranchos e tujupares, a que deu o nome de Vila da Rainha. Tratou então de fixar com Vasco Fernandes a demarcação, que não estava bem deslindada nos respectivos títulos. O rio Itapemirim foi por mútua convenção escolhido para servir de barreira às pretensões futuras de seus descendentes,....vendo-se de posse das fecundíssimas liziras do Paraíba cuidou desde logo de introduzir de São Vicente alguma planta de cana, e começou a cultivá-la... (1981, 198)*

O historiador campista Augusto de Carvalho, em obra do ano de 1888, revela que Pero de Góis, retornando de Portugal, chegou à região norte-fluminense

*investido na dignidade de donatário (de São Tomé) pelos fins do ano de 1538, mais ou menos, pois que o acordo de se dividirem pelo rio Tapemery, feito entre ele e seu vizinho Vasco Fernandes Coutinho é datado de 26 de março de 1539. Acompanhado de muitos casais, e bem provido de armas e de todas as mais prevenções exigidas em tais empresas, chegou aos seus domínios; e depois de uma ligeira inspeção local, elegeu para seu ancoradouro a enseada do Retiro, poucas braças ao sul da barra do rio Managé, como então se chamava o rio conhecido por Camaquana ou Cabapoana, e mais tarde por Itabapoana, - nome que ainda hoje conserva. Aí, assomando à terra, no sítio que ainda agora se conhece pela designação de Barreiras do Retiro, lançou os primeiros lineamentos da nova povoação, começando por erigir uma capelinha, sob a invocação de Santa Catarina. A esse tosco desenho chamava pomposamente o donatário – Vila da Rainha... (CARVALHO 1888, 53/54)*

Outro importante estudioso da história do norte fluminense, Alberto Ribeiro Lamego, em *O homem e o brejo*, comenta que a Pero de Góis foi doada a capitania de São Tomé no ano de 1538, tendo na barra de Itabapoana plantado as primeiras mudas de cana-de-açúcar, construído o primeiro engenho da região, além do que fez erigir a casa da Câmara e fundado a Vila da Rainha.

Apesar da precisão relativa, por parte de Lamego, do local do povoamento e que nos faz acreditar que tenha sido efetivamente nessa região, não temos, porém, nenhuma informação documental que comprove a construção de uma Câmara naquela oportunidade, ainda que aos donatários fosse assegurada a prerrogativa de fundar vereanças com os “homens bons” da localidade.

Aires de Casal em sua *Corografia Brasílica*, obra cuja primeira edição é do início do século XIX, informa que Pero de Góis edificou seu enge-

inho **“junto à extremidade de uma baía no lado meridional do Cabapuana.”** (CASAL 1976, 203)

Carlos Malheiros Dias, escrevendo sobre a Capitania da Paraíba do Sul ou São Tomé, em sua monumental obra *História da colonização portuguesa do Brasil*, editada em 1924 na cidade do Porto, por ocasião das comemorações do centenário da independência do Brasil, preocupava-se com as diversas interpretações para o início do povoamento naquela capitania:

*querem alguns historiadores (Augusto de Carvalho e Aires de Casal) que Pero de Góis, fundeando na enseada do Retiro, nas cercanias do rio Manajé (Itabapoana), ali tenha fundado a sua vila no alto das barreiras, ainda hoje conhecidas por aquele nome da enseada, e erigido uma capela sob a invocação de Santa Catarina. Outros (Gabriel Soares de Sousa) pretendem que a vila da Rainha ficava na margem do Paraíba, aproximadamente no local em que veio a fundar-se a vila, hoje cidade, de Campos. (DIAS 1924, 238)*

Diz ainda o mesmo Dias que **“nenhuma das duas hipóteses é para rejeitar”** (id.) e adiante acrescenta que **“é provável que, antes de decidir-se pelo local onde veio a fundar a maior plantação de canaviais, tenha assentado arraiais em mais de um ponto do litoral.”** (id.) E, sem muita convicção, diz que **“pode admitir-se que, chegando à sua donatária em 1537 ou 1538, tenha desembarcado na enseada do Retiro, acampando nas proximidades.”**(id.)

Diante desses entendimentos, muitos deles desconstruídos, outros concordantes em parte, vejamos o que se consagra, definitivamente, para os primeiros momentos da região norte fluminense, quando ali, pioneiramente, Pero de Góis lançou os fundamentos do povoamento da Capitania de São Tomé.

Após ter recebido a valiosa doação, depois de longos e custosos preparativos necessários à viagem e expedição, de natureza tão incerta naquela época, partiu Pero de Góis do porto de Lisboa, chegando aos seus domínios no Brasil pelos fins de 1538, na enseada do Retiro, **“não muitas braças ao sul da barra do Itabapoana, lugar elevado até à praia do mar, extremamente aprazível e de toda a costa da capitania o mais apropriado ao fim a que se propunha”**. (MARTINS 1868, 41) Esta é a idéia que esposamos.

Tomando posse de suas terras, o referido donatário procurou uma região onde pudesse edificar habitação que o pusesse a salvo das intempéries

e dos indígenas da região. Ao nascente arraial, deram os povoadores a denominação de Vila da Rainha, constituindo ele o marco inicial do povoamento plantado em território do que viria a ser mais tarde o município de São João da Barra, uma vez que dessa povoação redundou a Vila de Itabapoana, pertencente posteriormente a um dos distritos do citado município<sup>1</sup>.

Tão cedo ficou organizado o aldeamento, Pero de Góis iniciou o plantio da cana-de-açúcar utilizando mudas que trouxera de São Vicente, das fazendas de Martim Afonso de Souza e de sua própria. A plantação da cana-de-açúcar era uma exigência contida nos forais passados pela Coroa portuguesa aos donatários.

João Oscar, um dos mais respeitados historiadores fluminenses da atualidade, esclarece que

*ali, pioneiramente no solo fluminense, plantou o donatário as primeiras mudas de cana-de-açúcar, trazidas de sua fazenda Madre de Deus, em São Vicente, e levantou engenhos movidos à água, nos quais pretendia produzir dentro de um ano 2.000 arrobas de açúcar. (OSCAR 1985, 39).*

Desejoso, porém, de aumentar as possibilidades de êxito de seu empreendimento, Pero de Góis retornou novamente ao reino, levado pela vontade de aí adquirir ferramentas e peças necessárias à construção de engenhos, com que fabricassem racionalmente o açúcar. Porém, ao regressar de Lisboa, encontrou a Capitania abandonada dadas as constantes investidas dos índios goitacazes e puris. Nem mesmo os esforços de seu filho, Luís de Góis, foram suficientes para manter o empreendimento na região.

A Capitania de São Tomé, após a retirada de Pero de Góis no ano de 1548, ficou abandonada e assim esteve até 1570, ocasião em que grupos de aventureiros ingleses vieram ali se estabelecer. O viajante e historiador inglês Robert Southey, em sua obra *História do Brasil*, do início do século XIX, descreve esses aventureiros como piratas ingleses que, segundo a teoria do autor, unindo-se às índias, deram a primeira mestiçagem local. É uma tese que não temos como comprovar.

Não restam dúvidas de que é vasta a literatura sobre os primeiros tempos na Capitania de São Tomé, tendo muitos autores repetido o que outros já haviam concluído. Não obstante algumas incertezas, dado o desaparecimento de valiosa documentação que serviria de suporte ao tema, ficamos com Martins (1868) que, além de ser o pioneiro na historiografia do norte

fluminense, recolheu grande parte da tradição oral da região, segundo afirma em sua obra.

---

**NOTAS:**

1. A partir de 1º de janeiro de 1997, oficialmente houve o desmembramento do município de São João da Barra, ficando as terras ao norte do rio Paraíba do Sul com o novo município de São Francisco do Itabapoana. Portanto a região onde se formou a Vila da Rainha hoje está em território deste último município.

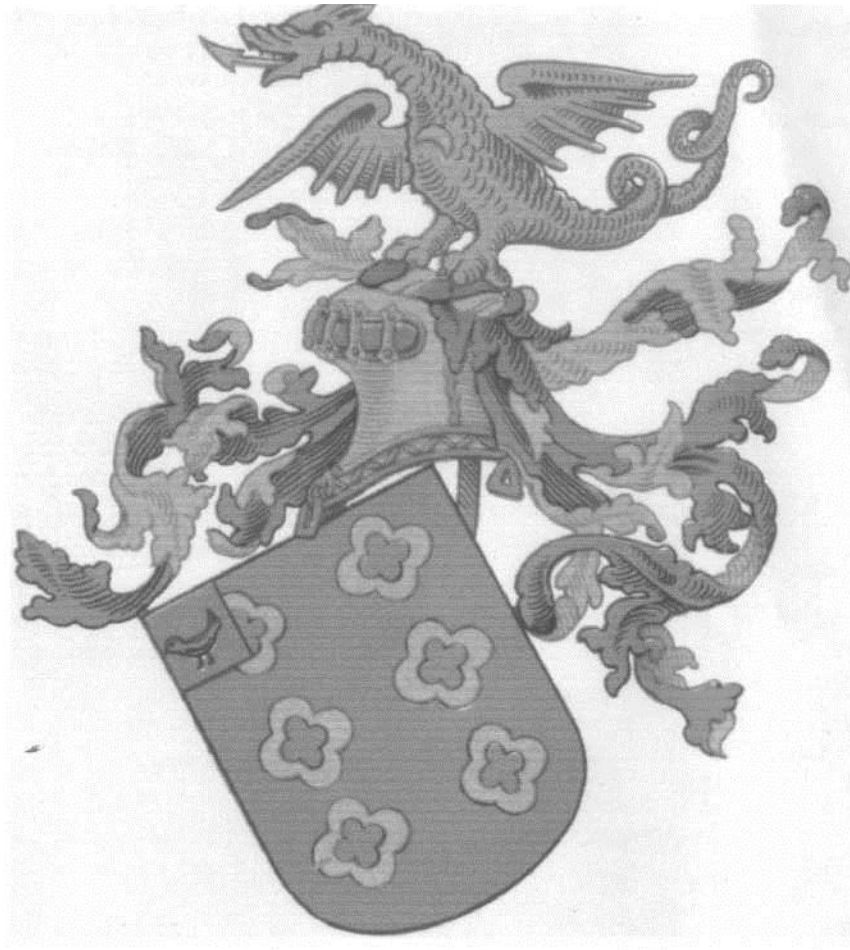
---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- CARVALHO, Augusto de. *Apontamentos para a história da Capitania de S. Thomé*. Campos: Silva, Carneiro & Cia., 1888.
- CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasílica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- DIAS, Carlos Malheiros. *História da colonização portuguesa no Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1924. v.3.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e o brejo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1974.
- MARTINS, Fernando José. *História do descobrimento e povoação da cidade de S. João da Barra e dos Campos dos Goytacazes*. Rio de Janeiro: Quirino & Irmão, 1868.
- OSCAR, João. *Apontamentos para a História de São João da Barra*. Teresópolis: Mini-Gráfica, 1977.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Brasiliana, v. 117).
- SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977. v.1.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de, Visconde de Porto Seguro. *História do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, v.1.

---

O autor é historiador e museólogo.



Brasão de Pero de Góis